



A possibilidade do discurso religioso em Nietzsche: o deus dançarino

Carla Bianca Costa de Oliveira*

Este texto é parte ou faz parte de nossa pesquisa de mestrado em Ciências da Religião que busca apontar a possibilidade do discurso religioso ou do divino em Nietzsche, a partir de seu conceito de dionisíaco¹, que é um ideal contrário ou uma alternativa à matriz do pensamento ocidental que tem no *logos* socrático-platônico seu modelo. Para início de conversa focaremos no presente texto obras do autor que é nossa referência primária: desde sua juventude à maturidade.

Em um primeiro momento faze-se mister discorrer acerca da crítica filosófica nietzschiana ao *logos* ocidental: que está fundada em um ideal ascético, para então entendermos a perspectiva oposta a ele, isto é, a perspectiva trágica atrelada ao deus Dioniso ou ao “deus dançarino” de que fala o filósofo em seu Zaratustra.

A primeira vista parece improvável falar do divino em Nietzsche porque se trata de um pensador que dinamita nossas certezas, que bate seu martelo contra a tradição filosófico-religiosa, contra ao conceito do deus cristão.

O conceito cristão de Deus – Deus como deus dos doentes, Deus como aranha, Deus como espírito – é um dos mais corruptos conceitos de Deus que já foi alcançado na Terra; talvez represente o nadir na evolução descendente dos tipos divinos. Deus degenerado em contradição da vida, em vez de ser transfiguração e eterna afirmação desta! Em Deus a hostilidade declarada à vida, à natureza, à vontade de vida! Deus como formula para toda difamação do “aquém”, para toda mentira sobre o

Comunicação recebida em 30 de julho de 2010 e aprovada em 20 de setembro de 2010.

* Mestranda em Ciências da Religião do PPGCR da Puc-Minas com ênfase em Filosofia da religião.

¹ Nietzsche dezesseis anos após a publicação do seu primeiro livro: “O nascimento da tragédia”, escreve sua tentativa de autocrítica, onde o autor busca responder o que vem a ser o dionisíaco. Entendendo-o como um instinto em prol da vida originado da tragédia grega, partir do qual ele começa a fazer sua crítica à tradição enquanto uma contradoutrina, ou seja, enquanto uma filosofia dionisíaca. “Puramente artística, anticristã” (Nietzsche, 2005, p. 20).

“além”! Em Deus o nada divinizado, a vontade de nada canonizada!... (NIETZSCHE, 2007, p.23).

Este tipo divino no qual Nietzsche lança sua crítica filosófica encontra-se na religião de caráter ascético: aquela que postula um mundo ideal em detrimento ao mundo da vida. E aqui vale lembrar que para o filósofo a religião cristã é um desdobramento do pensamento metafísico, do *logos* socrático-platônico. “[...] cristianismo é platonismo para o povo”. (NIETZSCHE, 2000a, p. 8). O ascetismo religioso tem, pois, sua origem no conceito. Conceito que de acordo com Nietzsche é produção de homens fracos que incapazes de enfrentar a vida como ela é, isto é, em seu caráter trágico, inventam uma realidade metafísica que a justifica e julgam-na pretendendo melhorá-la. “Sócrates foi um mal entendido. Toda moral fundada no melhoramento, também a moral cristã, foi um mal-entendido”. (NIETZSCHE, 2010, p. 22).

É neste sentido que a filosofia socrático-platônica significa na concepção nietzschiana uma depreciação da existência em apreciação aos valores tidos como superiores tais como: a idéia de bem, de verdade, etc.

Tem-se que Sócrates e seguindo este, Platão, instauram uma razão contemplativa e inauguram o pensamento ascético dominante na filosofia e religião do ocidente. Este pensamento é responsável por formar a consciência ocidental, a qual Nietzsche (2001) denomina consciência escrava, pois, fundada em um princípio negador, em oposição à afirmação dionisíaca da vida. O autor desenvolve esta questão do ascetismo e da consciência escrava em suas dissertações da “Genealogia da moral”, tendo abaixo sua crítica a moral de Schopenhauer, que seria apenas um prolongamento do protótipo socrático.

O *logos* socrático-platônico é, pois, para Nietzsche um juiz arbitrário da vida condenando-a sob a criação de um mundo supra-sensível, uma realidade ideal, postulada como verdade conforme supradito. É neste panorama que o sensível mundo é tomado como mera aparência ou ainda, uma ilusão. É neste ponto também que Nietzsche denuncia o engano metafísico. Pois se não é possível verificar a realidade, na perspectiva da racionalidade moderna, isto é, da ciência, deste mundo ideal, quer dizer que a filosofia baseada nos princípios metafísicos é um engano. Por este engano chegamos ao niilismo moderno, o qual Nietzsche detecta com seu olhar genealógico: o que seria a morte de Deus,

falando propriamente na metáfora nietzschiana. Momento em que o homem aposta na racionalidade moderna e subjuga as verdades teológicas. No entanto, para Nietzsche os modernos são apenas uma forma mais nobre e recente do *logos* socrático-platônico, no sentido em que a ciência moderna não se apresenta como um ideal antagônico a verdade conceitual, ainda é como ascetas. “Ambos ciência e ideal ascético, acham-se no mesmo terreno, na mesma superestimação da verdade”. (NIETZSCHE, 2001, p.141). É assim que o filósofo alemão pode ser considerado um pensador anti-moderno, visto que coloca a racionalidade moderna no mesmo filão do pensamento metafísico, o qual ele bate com seu martelo.

Com a metáfora da morte de Deus, Nietzsche diagnostica a crise do *logos* ocidental posta pelo progresso de uma cultura fundamentalmente niilista, visto que está sustentada em um mundo metafísico indemonstrável. Pois bem, sem o Deus-fundamento último, das certezas metafísicas, o homem está diante de sua finitude; tendo, pois, que inventar a si mesmo, determinar sua própria existência, se responsabilizar por ela, dar sentido as coisas ou adentrar no não sentido como possibilidade do ser do existir trágico. Deleuze entende que a morte de Deus revela o horizonte trágico. “A fórmula “Deus está morto” não é uma proposição especulativa, mas uma proposição dramática, a proposição dramática por excelência”. (Deleuze, 1976, p. 127). Este horizonte é para Nietzsche (2004a) um mar aberto de possibilidades ao homem que tem espírito livre capaz de viver ou criar modos de vidas sem a segurança das verdades últimas. A morte de Deus, na crítica nietzschiana é a positivização do sentido trágico inerente à vida.

Ora é justamente para dar sentido ao mundo, em negação ao seu caráter trágico é que o homem, segundo Nietzsche, inventa os valores superiores. Vale lembrar que é um tipo humano reativo e decadente, a imagem do asceta que subjuga a vida ao ideal para justificar o sofrimento ou como diz Nietzsche (2001) para conferir sentido a ele, já que a falta de sentido para o sofrimento é insuportável ao homem. E aqui parece haver uma via de mão dupla: a falta de sentido que fundamenta o humano cria Deus e Deus cria o mundo fundamentando os valores.

Porém, no fato de o ideal ascético haver significado tanto para o homem se expressa o dado fundamental da vontade humana, o seu horror vacui (horror ao vácuo): ele precisa de um objetivo – e preferirá querer o nada a nada querer. – Compreendem?... Fui compreendido?... “Absolutamente

não, caro senhor!” – então começemos do início. (NIETZSCHE, 2001, p. 87-88).

Para Nietzsche a existência é vazia de sentido, não tem objetivo, pois, para o filósofo, ela, a existência, não pode ser interpretada pelos conceitos de fim, unidade e verdade, pressupostos fundamentais do *logos* ocidental. Ora, se estas categorias com as quais atribuímos valor a existência não abarcam a realidade, esta se torna absurda, levando ao que Nietzsche chama de desvalorização dos valores. “Se a existência tivesse algum (objetivo), então ele já deveria ter sido alcançado”. (NIETZSCHE, 2002, p. 49).

Se o mundo é desprovido de um sentido a priori, se a realidade é absurda e não tem finalidade alguma, como pensa Nietzsche, o homem além da saída ascética que para justificar sua existência no mundo cria um deus-conceito e, ou um mundo metafísico; há no sentido oposto, a saída ou a perspectiva trágica onde o homem assumindo sua finitude longe do consolo metafísico - que quer verdades eternas – se cria como um deus artista. O deus dançarino de que fala o filósofo pela voz de Zaratustra: “Eu só poderia crer num Deus que soubesse dançar”. (NIETZSCHE, 2000b, p. 31). O trágico é para Nietzsche a afirmação dionisíaca da existência, isto é, do caráter contraditório e sem sentido do mundo. “Zaratustra é um dançarino: como aquele que tem a mais dura e terrível percepção da realidade, que pensou o mais abismal pensamento, não encontra nisso, entretanto objeção alguma ao existir”. (NIETZSCHE, 2004b, p. 90). A idéia do filósofo é precisamente de que a vida fala pela linguagem da tragédia, ou seja, a desmedida, a contradição, o sofrimento é que são a verdade do mundo, situações bem expressas pelo teatro grego da época trágica. Aqui cabe um comentário de Nabais, autor que trabalha “A metafísica do trágico”, acerca da linguagem trágica: “é que ela é também a metáfora por excelência do mundo, a figuração visível da sua essência injusta e da injustiça como sua essência”. (NABAIS, 1997, p. 53).

É neste sentido que a morte de Deus se por um lado revela a decadência, a desvalorização dos valores superiores do ocidente que encobria o caráter trágico da vida com um sentido último e que leva o homem ao niilismo, por outro lado, ela acena à possibilidade para a criação de novos valores, para a criatividade do deus artista. Do Zaratustra dançarino que falando a linguagem dionisíaca, aponta para a transmutação de todos os valores.

Esta transmutação ou criar novos valores de que fala Nietzsche (2000) trata da substituição do julgamento pela criação, como sinaliza Deleuze (1976), substituição dos juízos de valor por um único sim à existência e ao mundo. No entanto, dizer sim ao mundo, à terra é também dizer sim aos seus sofrimentos, a facticidade. É onde recorreremos ao conceito de amor fati² de Nietzsche. Zarathustra é a expressão do divino trágico nietzschiano, a imagem do deus Dioniso. É aquele que aceita a vida como ela é, que ama o mundo com suas dores e delícias, recusando aumentar seus sofrimentos, mas ao mesmo tempo, consentindo em sofrer tragicamente o mal que ele contém.

O trágico é, pois, um tipo contrário ao ascético e ao pensamento metafísico: que Nietzsche atribui à origem do niilismo moderno. Ele ainda é niilista, no entanto, trata-se de um niilismo ativo que admitindo a existência em sua tragicidade, em sua contraditoriedade e em seu caráter fundamentalmente finito, cria a partir, de então. Aqui vale retomar uma passagem do primeiro livro de Nietzsche: “O nascimento da tragédia”, onde o jovem filósofo aponta para os limites do saber racional em sua crítica ao ideal socrático que pôs fim a tragédia grega onde os antigos artisticamente cantavam a dor e os conflitos do existir através do teatro.

Para Nietzsche (2005) o *logos* socrático foi responsável por eliminar a tragédia da cultura helênica, ao levar a criação artística, a partir de Eurípedes, a passar pelo crivo da razão. Subjugando a instância inconsciente de onde brotava a arte. No entanto, para o autor o *logos* mesmo decretando fim à tragédia grega, não colocou fim a concepção dionisíaca do mundo em seu *pathos* trágico.

Aqui nos ocupa a questão de saber se a potência por cuja atuação contraria a tragédia se rompe, contará em todos os tempos com força suficiente para impedir ou o redespertar artístico da tragédia, da consideração trágica do mundo. Se a tragédia antiga foi obrigada a sair do tróico pelo impulso dialético para o saber e otimismo da ciência, é mister deduzir este fato uma luta eterna entre a consideração teórica e a consideração trágica do mundo; e, só depois de conduzir a seu limite o espírito da ciência e de aniquilada a sua pretensão de validade universal mediante a comprovação desses limites, dever-ser-ia nutrir a esperança de um renascimento da tragédia. (NIETZSCHE, 2005, p. 104).

² Amor fati [amor ao destino]: seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que a minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim! (NIETZSCHE, 2004a, p. 187-188).

O filósofo que desde sua juventude critica duramente o logocentrismo ocidental e ou a ascese conceitual pretende mostrar ao longo de sua obra a corrupção que este tipo de pensamento traz à realidade ao negar seu caráter iminentemente trágico, onde a existência se tiver justificativa possível, se justifica enquanto fenômeno estético.

Entendemos, portanto, que a possibilidade do discurso religioso em Nietzsche encontra-se na divinização que o autor faz da existência pelo viés de uma concepção artística onde o único deus possível é aquele que baila. É o canta-a-dor da própria finitude. É, pois, nesta perspectiva que estaremos desenvolvendo nossa pesquisa que busca pensar o tipo divino neste autor polêmico, ou seja, o dionisíaco: força e, ou expressão artística da tragicidade da existência que tem sua origem na tragédia ática, de onde o autor tira sua inspiração para elaborar sua “visão dionisíaca do mundo”; inserido, claro, no contexto alemão de sua época que acreditava em uma retomada à Grécia da idade trágica para construção de uma cultural original, como sinaliza Machado (2006) em sua obra que trata do nascimento do trágico e que vê no pensamento de Nietzsche o auge desta trajetória.

Referências

DELEUZE, G. **Nietzsche e a filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

MACHADO, R. **O nascimento do trágico: de Schiller a Nietzsche**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

NABAIS, N. **Metafísica do trágico**. Estudos sobre Nietzsche. Lisboa: Relógio D'água, 1997.

NIETZSCHE, F. **A gaia ciência**. São Paulo. Companhia das letras, 2004a.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. São Paulo. Companhia das letras, 2000a.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra**. Curitiba: Hemus, 2000b.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculos dos ídolos: ou como filosofar com o martelo**. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

NIETZSCHE, F. **Ecce Homo: como alguém se torna o que é**. São Paulo: Companhia das letras, 2004b.

NIETZSCHE, F. **Fragmentos finais**. Brasília: Editora UNB, 2002.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polemica**. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

NIETZSCHE, F. **O anticristo: maldição ao cristianismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.

NIETZSCHE, F. **O nascimento da tragédia: ou helenismo e pessimismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.